

IMPACTO DA MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA SOBRE A ANSIEDADE COMPETITIVA EM ATLETAS DE HANDEBOL EM CADEIRA DE RODAS

IMPACT OF INTRINSIC MOTIVATION ON COMPETITIVE ANXIETY AMONG WHEELCHAIR HANDBALL ATHLETES

Fábia Freire da Silva¹, Carlos Huberlini Roque da Silva Junior¹, José Roberto Andrade do Nascimento Junior², Camila Lopes de Carvalho³, José Irineu Gorla³ e Paulo Ferreira de Araújo³

¹Universidade Paranaense, Toledo-PR, Brasil.

²Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina-PE, Brasil.

³Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, Brasil.

RESUMO

A motivação e a ansiedade tem sido tema recorrente de debates no esporte e entender sua relevância para a prática competitiva e os efeitos nos atletas se tornam imprescindível. Este estudo objetivou investigar o impacto da motivação intrínseca sobre a ansiedade de atletas de Handebol em Cadeira de Rodas (HCR). Foram aplicados o Inventário de Motivação Intrínseca (IMI) e a Escala de Ansiedade no Desporto (SAS) em 37 atletas (34.18 ± 9.32 anos), do sexo masculino, com deficiência física, participantes do campeonato Brasileiro de HCR. A análise dos dados foi conduzida por meio dos testes de Shapiro Wilk, a Correlação de Pearson e a Regressão Linear Múltipla ($p < 0,05$). Como resultado, as subescalas da motivação intrínseca apresentaram escores elevados tanto nas subescalas que contribuem de forma positiva (Prazer/Interesse, Competência e Percepção do esforço), quanto na subescala que contribui de forma negativa (Pressão/Tensão). Em relação ao impacto da motivação sobre a ansiedade competitiva, o atleta se sentir competente explicou inversamente 15% da variância da ansiedade somática. A competência apresentou impacto negativo e a Pressão/Tensão impacto positivo sobre a subescala de Preocupação. Ademais, as subescalas de Prazer/Interesse, Pressão/Tensão e Percepção do esforço explicaram 31% da variância da ansiedade relacionada à Perturbação da Concentração, indicando que quanto maior a percepção de prazer pela prática e esforço perante as tarefas, menos perturbações na concentração, e quanto maior o escore de pressão/tensão (menor percepção de pressão), maior a perturbação da concentração do atleta. Concluiu-se que a motivação intrínseca é um fator determinante para o controle da ansiedade competitiva dos atletas de HCR.

Palavras-chave: Motivação. Ansiedade. Esporte. Pessoas com deficiência. Handebol em cadeira de rodas.

ABSTRACT

Motivation and anxiety have been a recurring theme of debates in sport and understand its relevance to competitive practice and the effects on athletes become essential. This study aimed to investigate the impact of intrinsic motivation on the anxiety of wheelchair handball (WH) athletes. The Intrinsic Motivation Inventory (IMI) and the Sport Anxiety Scale (SAS) were applied to 37 male athletes (34.18 ± 9.32 years), physically disabled, participating in the Brazilian WH championship. Data analysis was conducted through Shapiro Wilk test, Pearson correlation and Multiple Regression ($p < 0.05$). As a result, the subscales of intrinsic motivation showed high scores both in the subscales that contribute positively (Pleasure/Interest, Competence and Perception of effort), and in the subscale that contributes negatively (Pressure/Tension). Regarding the impact of motivation on competitive anxiety, the athlete feeling competent explained inversely 15% of the somatic anxiety variance. Competence had a negative impact and Pressure/Tension had a positive impact on the Concern subscale. In addition, the pleasure/Interest, Pressure/Tension and Perception of Effort subscales explained 31% of the variance of Concentration Disorder, indicating that the greater the perception of pleasure from practice and effort in the face of tasks, the less disturbances in concentration, and the higher the pressure/tension score (less pressure perception), the greater the disturbance of the athlete's concentration. It was concluded that intrinsic motivation is a determinant factor for the control of competitive anxiety in WH athletes.

Keywords: Motivation. Anxiety. Sport. People with disability. Wheelchair handball.

Introdução

O esporte adaptado consiste em modalidades esportivas sistematizadas para a prática por pessoas com deficiência. Oriundo da reabilitação de soldados pós II Guerra Mundial, possui características particulares, bem como a possibilidade de ascensão social, conquista da autonomia, melhorias da aptidão física e da saúde¹.

Dentre as várias modalidades de esportes adaptados, destacamos o Handebol em Cadeira de Rodas (HCR). Na década de 90, e a princípio com foco pedagógico, seu desenvolvimento se deu por meio de um projeto de extensão da Universidade Estadual de Campinas². A partir do ano de 2004, começou a sistematização desta modalidade na cidade de Toledo, no Paraná, seguindo dinâmica e materiais semelhantes ao Handebol Convencional (HC), mas com adaptações para que o jogo pudesse ser realizado com a utilização da cadeira de rodas. Dessa forma, na mesma quadra que o HC, na versão adaptada, há duas possibilidades de jogo: o HCR7, no qual cada time é composto por 7 jogadores com 2 tempos de 30 minutos, intervalados por 10 minutos de descanso; e o HCR4, o qual, tendo por base o Handebol de Areia, conta com 4 jogadores por equipe, em um jogo estruturado em dois tempos de 10 minutos, com 5 minutos de intervalo. Os jogadores de ambas as possibilidades de HCR são pessoas com deficiência física, como lesão medular, amputações e alterações físicas devido às sequelas de poliomielite, dentre outras deficiências de acordo com a elegibilidade para sua prática³.

Se as regras dessa modalidade adaptada são semelhantes às convencionais em sua maioria, os aspectos psicossociais envolvidos nesta prática, assim como nos demais esportes adaptados, sobressaem-se em atletas com deficiência. Muitos vislumbram no esporte a possibilidade de se afirmarem como capazes de desempenharem funções de destaque, alcançando a modificação do paradigma da pessoa com deficiência enquanto uma pessoa que apresenta uma limitação para uma função valorosa e vitoriosa socialmente⁴. O HCR é uma modalidade em evolução, praticada em âmbito estadual e nacional com equipes concentradas nas regiões sul e sudeste, e também já desenvolvida em alguns países como Austrália, Portugal, Chile, Argentina, Bolívia e Venezuela⁵.

Isto posto, o aspecto emocional dos atletas tornou-se foco da psicologia do esporte, impulsionando estudos a avaliarem tanto a influência da motivação, ansiedade e estresse no desempenho esportivo^{6,7}, quanto a identificarem os benefícios à qualidade de vida e bem-estar emocional proporcionados por sua prática^{8,9}. O aumento significativo de equipes que praticam o HCR com foco no desporto de rendimento, impõe aos seus atletas não só o desgaste físico, mas também o desgaste emocional. Desse modo, se faz necessário uma investigação acerca dos aspectos emocionais dos atletas que podem influenciar de forma positiva ou negativa seu desempenho.

Nessa perspectiva, a motivação tem sido evidenciada uma vez que pode influenciar a adesão e a permanência de uma pessoa no esporte, contribuindo com o alcance dos benefícios de qualidade de vida e com os bons resultados no desempenho de um atleta^{10,11}, como outros fatores: o sentimento de realização, a persistência e o aprendizado¹¹. De acordo com a Teoria da Autodeterminação existem três fontes motivacionais: A motivação intrínseca, quando a pessoa se autodetermina a se esforçar para ser competente em uma tarefa, tendo como foco a atividade em si. A motivação extrínseca, na qual a realização de uma tarefa é estimulada por fatores externos que podem ser obtidos pela execução de uma atividade, como o reconhecimento social e premiações¹². E a desmotivação caracterizada pela falta de interesse ou indecisão de quem realiza uma atividade¹³.

Estudos apontam que a motivação pode, ainda, influenciar os indicadores de ansiedade entre jogadores de alta performance^{14,15}. A ansiedade é um estado emocional negativo caracterizado por nervosismo, preocupação e apreensão, sendo composta por ansiedade cognitiva (composta pelo pensamento de preocupação) e ansiedade somática (ocasionando ativação física como frequência cardíaca rápida, tensão muscular e mãos úmidas). Um nível elevado de ansiedade torna-se negativo para desempenhos esportivos que requerem habilidades complexas, motricidade fina, coordenação, concentração e equilíbrio¹², e dependendo da percepção e estado psicológico de cada atleta a competição pode vir a ser um desafio ou uma ameaça a sua performance¹⁶.

Por conseguinte, estudos tem indicado a necessidade de pesquisas sobre a influência desses fatores em atletas com deficiência, uma vez que podem influenciar e dificultar o seu desempenho^{17,18}. Atletas com deficiência possuem aspectos psicológicos desfavorecidos, os quais necessitam de consideração especial, uma vez que discriminações e limitações físicas impostas pela deficiência podem dificultar o alcance de resultados positivos nos treinos e nas competições em comparação com atletas de esportes convencionais que não possuem dada condição. Por outro lado, além de questões técnica e tática, que são fundamentais ao desenvolvimento em alto nível de quem os pratica, não se pode desconsiderar o volume de treino para se tornar um atleta de alto nível de rendimento¹⁹.

Por sua vez, outro estudo²⁰ corroborou com as afirmações acima elucidando que, atletas com deficiência e a cobrança por resultados pode gerar efeitos, como estresse e ansiedade, agravados pelos fatores derivados da própria condição, já que a prática se torna uma oportunidade de expor suas capacidades de forma a superar suas limitações perante a sociedade, possuindo dificuldades, caminhos e motivos diferentes que os conduzem ao esporte.

Muito embora, a literatura aponte pesquisas a respeito do HCR, e também, dos aspectos motivacionais e de ansiedade em diferentes esportes para pessoas sem deficiência^{11,14,15}, até o momento não foram localizados estudos recentes com destaque para o esporte coletivo em cadeira de rodas. Seria equivocado negligenciar esses fatores psicológicos específicos e utilizar em atletas com deficiência física usuário de cadeira de rodas, o mesmo padrão de trabalho da psicologia empregado em atletas de esportes convencionais²⁰. Mas, para isso, são necessários estudos para a compreensão dessas especificidades psicológicas acerca dessa população assim, como para o trabalho diário, de forma a propiciar o alcance dos resultados competitivos esportivos individual e coletivo. Assim, a interferência da ansiedade quando relacionada ao esporte de alto rendimento é um assunto de interesse e bastante recorrente entre treinadores, atletas e pesquisadores ao longo dos anos²¹.

Diante do exposto, com o intuito de ampliar o conhecimento sobre os aspectos emocionais interferentes na prática do esporte adaptado, esse estudo objetivou investigar o impacto da relação da motivação intrínseca e a ansiedade de atletas de HCR.

Métodos

Participantes

Foram convidados a participar da pesquisa todos os atletas do sexo masculino participantes do Campeonato Brasileiro de HCR disputado no Estado do Paraná, no ano de 2016, totalizando 69 indivíduos. No entanto, apenas sete equipes dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina aceitaram participar da pesquisa. Com isso, fizeram parte deste estudo 37 jogadores com deficiência física, do sexo masculino, com idades entre 19 e 52 anos. Os participantes foram selecionados de forma não-probabilística e por conveniência. A escolha dos participantes da pesquisa apenas dos atletas do sexo masculino se deu pela quantidade inexpressiva da participação feminina na competição. Desse modo, elegemos como critérios de inclusão: a) a prática de ao menos um ano da modalidade; e b) ter jogado ao menos um tempo de partida durante o campeonato.

Procedimentos

A seguir apresentamos os três instrumentos utilizados para a coleta dos dados:

Questionário de caracterização sociodemográfico: este instrumento se constitui por questões acerca da faixa etária, escolaridade, tipo de lesão, anos de prática no esporte, horas semanais e nível competitivo compreendendo sua experiência esportiva em âmbito regional, nacional ou internacional.

Intrinsic Motivation Inventory (IMI)^{22,23}: Este instrumento consiste em uma escala tipo Likert de 5 níveis de resposta (1 = Discordo Totalmente; 5 = Concordo Totalmente). Possui 18 afirmações agrupadas em quatro subescalas: Prazer/Interesse (1, 5, 9, e 13; ex. gosto muito de...), Competência (3, 7, 11, 15 e 18; ex. estou satisfeito com o meu rendimento...), Percepção do Esforço (2, 6, 10, 14 e 17; ex. não me esforço muito no ...) e Pressão/Tensão (4, 8, 12 e 16; ex. sinto-me tenso enquanto pratico...). Ressalta-se que a subescala Pressão/Tensão deve ser interpretada inversamente. Os resultados de cada subescala são obtidos pela média dos valores dos itens que a compoem. O alfa de Cronbach do questionário foi 0,72, indicando forte consistência interna.

Sport Anxiety Scale (SAS)^{24,25}: A SAS é um instrumento que se constitui em uma escala Likert de 4 níveis de resposta (1 = Nada; 4 = Muito). É composta por um total de 21 itens, dispostos em três subescalas: Ansiedade Somática (1, 4, 8, 11, 12, 15, 17, 19, 21; ex. sinto-me nervoso), Preocupação (3, 5, 9, 10, 13, 16, 18; ex. estou preocupado(a) com a possibilidade de não ter um rendimento tão bom como poderia) e Perturbação da Concentração (2, 6, 7, 14, 20; ex. estou preocupado com a possibilidade de não ser capaz de me concentrar). Os resultados de cada subescala são obtidos por meio da soma dos valores atribuídos em cada um dos respectivos itens. O alfa de Cronbach do questionário foi 0,90, indicando forte consistência interna.

Inicialmente, foi solicitada autorização do presidente da Associação Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas (ABRHACAR) para que pudéssemos entrar em contato com os responsáveis por cada equipe inscrita para a disputa do Campeonato Brasileiro de HCR. Durante o congresso técnico, foi apresentado os objetivos da pesquisa e solicitado permissão aos técnicos para prosseguimento do estudo. Em seguida a pesquisa foi apresentada aos atletas, convidando-os a responder individualmente os questionários de forma anônima. No primeiro dia de jogos os atletas responderam aos questionários, 30 minutos antes da partida. Os concordantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Paranaense, sob o número 1.903.297.

Análise estatística

O teste Shapiro Wilk e análise de assimetria e curtose (valores entre -2,0 e 2,0) demonstraram que a distribuição normal dos dados não foi violada. Assim, foram utilizadas medidas de tendência central (média) e dispersão (mínimo, máximo e desvio padrão) para descrever as variáveis do estudo. A Correlação de *Pearson* foi utilizada para verificar a associação entre as subescalas de motivação e ansiedade. Foram conduzidos três modelos de regressão linear múltipla utilizando o método *backward* para entrada das variáveis (critério de remoção $F=0,10$) para averiguar o impacto das subescalas de motivação intrínseca (Prazer/Interesse, Competência, Percepção do Esforço e Pressão/Tensão) (variáveis independentes) nos escores das subescalas de Ansiedade Competitiva (variável dependente): Ansiedade Somática (Modelo 1); Preocupação (Modelo 2) e Perturbação da Concentração (Modelo 3). Apesar da amostra ser considerada pequena para modelos de regressão múltipla, Knofczynski e Mundfrom²⁶ asseguraram que o mínimo de dois sujeitos já é aceitável para que esse modelo possua bom nível de predição. Os *Variance Inflation Factors* (VIF) foram calculados e nenhuma variável apresentou indicadores de multicolinearidade ($VIF < 5,0$). Todas as análises foram conduzidas no *software* SPSS 22.0, adotando-se nível de significância de $p < 0,05$. Além disso, uma análise de poder estatístico do post hoc no *software* G * Power 3.1.9²⁷ revelou que nosso poder estatístico foi de 62%, com base em nossa amostra de 37 participantes, um tamanho de efeito médio (0,25) de acordo com os critérios f^2 de Cohen (1988) e um valor de p de 0,05.

Resultados

Os parâmetros descritivos dos participantes apontaram média de idade de 34.18 ± 9.32 anos e a maioria dos atletas possuíam 2º grau completo (52.7%). Quando verificado as características em relação ao tipo de lesão 52.7% possuíam lesão medular, com tempo médio de aquisição da lesão de 4.81 ± 3.12 anos. Quanto as características esportivas o tempo de prática foi de 4.76 ± 3.10 anos, com frequência de treino semanal de 2.58 ± 1.22 dias, com duração média de 5.95 ± 3.97 horas, sendo que 44.7% e 23.7% atuaram em nível nacional e internacional respectivamente.

Os achados revelaram que os atletas apresentaram escores elevados tanto nas subescalas que contribuem de forma positiva para a motivação intrínseca (Prazer/Interesse, Competência e Percepção do esforço) quanto na subescala que contribui de forma negativa (Pressão/Tensão). Em relação à ansiedade competitiva, verificou-se que os atletas pouco se sentem nervosos (ansiedade somática), não se preocupam de forma demasiada (preocupação) e nem perdem a concentração (perturbação da concentração) antes ou durante a competição, visto que os escores não foram elevados.

Tabela 1. Estatística descritiva (mínimo, máximo, média, desvio-padrão, assimetria e curtose) e correlações entre as variáveis do estudo

VARIÁVEIS	1	2	3	4	5	6	7	8
1.Idade		0,18	0,14	0,07	-0,08	-0,19	-0,10	-0,10
Motivação Intrínseca								
2.Prazer/Interesse			0,41*	0,27*	0,06	-0,29*	-0,22	-0,23
3.Competência				0,22	0,03	-0,41*	-0,28*	-0,15
4.Percepção do esforço					0,23	0,12	0,09	0,33*
5.Pressão/Tensão						0,150	0,40*	0,38*
Ansiedade competitiva								
6.Ansiedade somática							0,57**	0,69**
7.Preocupação								0,66**
8.Perturbação da concentração								
Mínimo	19,0	3,0	1,4	2,2	2,0	9,0	7,0	5,0
Máximo	52,0	5,0	4,4	4,8	5,0	27,0	26,0	16,0
Alcance	-	1-5	1-5	1-5	1-5	9-36	7-28	5-20
Média	34,70	4,51	3,37	3,34	3,18	16,21	15,32	8,32
Desvio-padrão	8,88	0,53	0,74	0,52	0,73	5,27	5,31	3,01
Assimetria	0,150	-0,964	-1,005	0,183	0,380	0,325	0,025	0,829
Curtose	-0,547	0,261	0,793	0,695	-0,275	-0,959	-0,829	-0,027

Nota: *p < 0,05; **p < 0,01; (Correlação de Pearson)

Fonte: Os autores

A Tabela 1 também demonstra a correlação entre as variáveis, revelando as seguintes correlações significativa ($p < 0,05$): Prazer/Interesse e Ansiedade Somática ($r = -0,29$); Competência com Ansiedade Somática ($r = -0,41$) e Preocupação ($r = -0,28$); Pressão/Tensão com Preocupação ($r = 0,40$) e Perturbação da concentração ($r = 0,38$).

Para verificar o impacto da motivação sobre a ansiedade competitiva, foram conduzidos três modelos de regressão linear múltipla *backward*, tendo os escores das subescalas de

ansiedade competitiva como variável dependente. Todas as subescalas de motivação intrínseca (variáveis independentes) foram incorporadas inicialmente nos modelos estimados, pelo que o método utilizado somente definiu como variáveis preditivas aquelas que melhor se ajustaram ao modelo e maior percentual de variância explicaram.

Tabela 2. Regressão linear múltipla utilizando as subescalas de motivação como variáveis explicativas da variância da Ansiedade Somática

Modelos	Coeficiente não-padronizado		Coeficiente Beta	R ²	P
	B	I.C. 95%	Padronizado	ajustado	
Modelo 1 ^a					
Competência	-2,727	-5,13 – -0,32	-0,382	0,17	0,027*
Prazer/Interesse	-2,037	-5,43 – 1,36	-0,204		0,232
Pressão/Tensão	0,883	-0,98 – 5,60	0,122		0,163
Percepção do esforço	2,309	-1,38 – 3,15	0,229		0,434
Modelo 1 ^b					
Competência	-2,748	-5,13 – -0,36	-0,384	0,18	0,025*
Prazer/Interesse	-2,024	-5,40 – 1,35	-0,203		0,232
Percepção do esforço	2,596	-0,59 – 5,79	0,257		0,108
Modelo 1 ^c					
Competência	-3,284	-5,51 – -1,05	-0,459	0,17	0,005*
Percepção do esforço	2,217	-0,93 – 5,36	0,220		0,161
Modelo 1 ^d					
Competência	-2,939	-5,14 – -0,74	-0,411	0,15	0,010*

Nota: *Associação Significativa ($p < 0,05$) - Regressão Linear Múltipla

Fonte: Os autores

A Tabela 2 apresenta os modelos de regressão da associação entre a motivação e a Ansiedade Somática. O Modelo 1^d foi o que apresentou melhor percentual de explicação ($F = 7,325$; $p = 0,010$), evidenciando que a subescala de competência apresentou associação significativa com a ansiedade somática, indicando que o atleta se sentir competente explica inversamente 15% ($R^2=0,15$) da variância da ansiedade somática, ou seja quanto mais o atleta se sente competente, menor a ansiedade somática.

Tabela 3. Regressão linear múltipla utilizando as subescalas de motivação como variáveis explicativas da variância da subescala de Preocupação

Modelos	Coeficiente não-padronizado		Coeficiente Beta Padronizado	R² ajustado	P
	B	I.C. 95%			
Modelo 2ª					
Competência	-1,724	-4,135 – 0,68	-0,239	0,18	0,155
Prazer/Interesse	-1,682	-5,091 – 1,72	-0,167		0,323
Pressão/Tensão	2,897	0,62 – 5,17	0,397		0,014*
Percepção do esforço	0,964	-2,34 – 4,27	0,095		0,557
Modelo 2ªb					
Competência	-1,63	-4,00 – 0,73	-0,22	0,20	0,169
Prazer/Interesse	-1,49	-4,80 – 1,81	-0,14		0,366
Pressão/Tensão	3,04	0,85 – 5,23	0,41		0,008*
Modelo 2ªc					
Competência	-2,07	-4,22 – -0,98	-0,28	0,20	0,048*
Pressão/Tensão	2,99	0,81 – 5,17	0,41		0,009*

Nota: *Associação Significativa ($p < 0,05$) - Regressão Linear Múltipla

Fonte: Os autores

A Tabela 3 ilustra o modelo de regressão que utilizou a subescala Preocupação como variável dependente. O Modelo 2^c foi o mais explicativo e que permaneceu com significância estatística ($F = 5,620$; $p = 0,008$). O modelo apontou associação significativa da Competência e da Pressão/Tensão, evidenciando que o atleta se sentir competente e pressionado para ter um bom desempenho tem poder de explicação de 24% ($R^2=0,24$) da variância da ansiedade relacionada à Preocupação. Especificamente, a competência apresentou impacto negativo ($\beta = -0,28$) e a Pressão/Tensão apresentou impacto positivo ($\beta = 0,41$) sobre a subescala de Preocupação.

Tabela 4. Regressão linear múltipla utilizando as subescalas de motivação como variáveis explicativas da variância da subescala de Perturbação da Concentração

Modelos	Coeficiente não-padronizado		Coeficiente Beta Padronizado	R ² ajustado	P
	B	I.C. 95%			
Modelo 3 ^a					
Competência	-0,50	-1,81 – 0,81	-0,12	0,24	0,442
Prazer/Interesse	-1,68	-3,54 – 0,17	-0,29		0,074
Pressão/Tensão	1,32	0,08 – 2,56	0,31		0,037*
Percepção do esforço	2,06	0,26 – 3,86	0,35		0,026*
Modelo 3 ^b					
Prazer/Interesse	-1,95	-3,6 – -0,24	-0,34	0,25	0,027*
Pressão/Tensão	1,33	0,10 – 2,56	0,32		0,034*
Percepção do esforço	1,97	0,20 – 3,75	0,34		0,030*

Fonte: Os autores

Já o modelo de regressão utilizando a subescala de Perturbação da Concentração como variável dependente está apresentado na Tabela 4. O modelo 3^b contendo as subescalas de Prazer/Interesse, Pressão/Tensão e Percepção do esforço foi o mais adequado ($F = 5,150$; $p =$

0,005), explicando 31% da variância da ansiedade relacionada à Perturbação da Concentração. Este achado indica que quanto maior a percepção de prazer pela prática e maior a percepção de esforço perante as tarefas, menos perturbações na concentração o atleta possui. Destaca-se também que quanto maior o escore de pressão/tensão (menor percepção de pressão), maior a perturbação da concentração do atleta.

Discussão

Este estudo objetivou verificar a associação entre motivação intrínseca e ansiedade de atletas de handebol em cadeira de rodas em competição. Os principais resultados demonstraram influência positiva da motivação sobre a ansiedade, indicando que a motivação contribui para controlar a ansiedade competitiva dos atletas de HCR, evitando ficarem ansiosos durante os jogos.

A motivação tem sido constantemente apontada como um dos principais fatores de sucesso para atletas. Quando nos referimos ao desporto, a motivação é um dos fatores mais significativos para a inserção e permanência dos atletas numa determinada modalidade²⁸, bem como, pode determinar tanto a entrada quanto a adesão continuada ao treinamento⁷.

Tal constatação pode explicar, em parte, os achados deste estudo, uma vez que a amostra é composta de atletas que participaram de competição nacional e não internacional e, embora seus praticantes tenham uma regularidade de prática, ainda não vivenciam as exigências de uma competição Paralímpica. Ademais, esses resultados fortalecem o entendimento da prática de esporte por pessoas com deficiências estar vinculada aos fatores psicossociais que extrapolam a busca por resultados competitivos. Se sentir parte de um grupo, atuar como atleta ainda que não vitorioso e estabelecer relações com os demais participantes dos eventos de competição podem ser fatos que, no início da prática competitiva, são suficientes para motivar o atleta com deficiência em sua prática e diminuir os níveis de ansiedade. Como afirmativa desse argumento, Faria et al.²⁹ identificaram que os principais fatores que levam os atletas a permanecerem no esporte são o prazer pela prática promovido pela sensação de competência, o fato de gostarem de competir e a possibilidade de fazerem amizade.

Em outro estudo³⁰ verificaram que atletas alemães de elite de esportes para pessoas com deficiência estão engajados em sua prática para experimentar o prazer e melhorar seu nível atlético, enquanto incentivos materiais, como oportunidades de carreira, viajar e ganhar dinheiro provou, na melhor das hipóteses, ser apenas um incentivo mínimo.

Por outro lado, com a profissionalização do atleta, como ocorre em competições Paralímpicas oficiais, essa fase inicial de socialização torna-se mais discreta, aumentando os objetivos referentes ao alto rendimento esportivo que podem estar relacionados ao aumento de ansiedade para o alcance dessa performance¹⁷.

Os resultados deste estudo referente a análise estatística da regressão linear múltipla permitem-nos verificar que a subescala “Competência” teve impacto significativo e positivo de 15% ($R^2=0,15$) em relação à subescala de Ansiedade Somática, indicando que quanto mais o atleta se sente competente, menos reações somáticas serão sentidas durante as competições. Contudo, outros fatores como Autoconfiança e Controle Emocional também podem influenciar o atleta se sentir ou não capaz em realizar determinada tarefa, isto é, quando os atletas apresentam elevados escores de autoconfiança, geralmente, encontram-se com baixos níveis de ansiedade cognitiva e somática e quando os atletas percebiam sua ansiedade como dificultadora do desempenho, apresentaram diminuição de ocorrências de pensamentos relacionados à autoconfiança³¹. Nesse sentido a competência permite ou torna a pessoa capaz de mobilizar conhecimentos com o propósito de enfrentar uma determinada situação e estaria constituída por várias habilidades e que, por fim, pode impactar em sua atuação num jogo.

Estudos apontam que o principal estímulo de motivação para a participação esportiva é o desenvolvimento e a aprendizagem de novas habilidades, bem como, desafios, ação, vencer, competir ou praticar esportes parecem ser intrínsecos à competição^{6,7}. Nesse contexto, o desporto, quando visto sob a ótica de realização, promove um envolvimento na qual os indivíduos empenham o seu esforço para cumprir tarefas, o que pode ser mensurado adiante no tocante ao sucesso ou fracasso por seus praticantes³².

Os resultados relativos as subescalas Competência e Pressão/Tensão apontaram associação significativa relacionada à subescala Preocupação, evidenciando que o atleta se sentir mais competente e menos pressionado/tenso, menor será os sintomas da ansiedade competitiva relacionados às preocupações com as tarefas. O nervosismo, a preocupação e agitação corporal indicam ansiedade elevada que, se não controlada, pode trazer prejuízo ao atleta. Por outro lado, a “preocupação” pode ser útil quando conserva uma relação lógica e saudável com as situações cotidianas. No entanto, quando se torna algo persistente e permanente, sem que apresente qualquer perigo real, pode acarretar sérios problemas e manter o indivíduo em um estado de ansiedade constante¹².

Investigações^{32,33} apontam que o esporte exige do atleta o cumprimento de um vasto rol de exigências para que possa atingir seus objetivos. Dependendo do nível em que esse atleta se encontra, seja ele amador ou de alto nível, uma das exigências mais acentuada é a pressão da competição a que é submetido com frequência.

Por fim, quando analisados os resultados referentes as subescalas de Prazer/Interesse, Pressão/Tensão e Percepção do esforço, tendo a subescala de Perturbação da Concentração como variável dependente, esta foi o melhor modelo de regressão com resultado ($F = 5,150$; $p = 0,005$), explicando 31% da variância da ansiedade.

A percepção do esforço está relacionada essencialmente ao trabalho muscular acentuado que envolve uma tensão relativamente grande sobre os sistemas musculoesquelético, cardiovascular e respiratório. Nesse sentido, a influência multifatorial da percepção do esforço, é definido com um tipo de *Gestalt*, tendo em vista que diferentes sensações estão presentes, como: tensão, dores, fadiga dos músculos periféricos e do sistema respiratório, além de outros indícios sensitivos, tais como o comportamento, fatores emocionais e psicológicos¹².

Para além, nossos achados indicam que sentir prazer favorece o controle e a redução dos sintomas relacionados perturbação da concentração, enquanto que a menor a pressão/tensão e maior a percepção de esforço parecem favorecer estes sintomas da ansiedade competitiva. Isto é, quanto menos pressionado este atleta se sentir e maior for o seu esforço, mais estas sensações poderão estar presentes, o que por outro lado, quanto mais prazeroso for sua vivência prática, menos sentirá sensações desagradáveis relacionadas a ansiedade somática. Em uma investigação com atletas coreanos e não coreanos, os resultados apontaram que os atletas veteranos em cadeira de rodas tendem a ter um autoconceito positivo e aceitam sua deficiência quando comparados aos atletas novatos usuarios de cadeira de rodas³⁴. É interessante notar que a ansiedade causada pela falta de experiência em usar uma cadeira de rodas atinge o seu pico no primeiro ano após o diagnóstico ou lesão.

Os resultados deste estudo têm algumas limitações que devem ser consideradas. Primeiro, por ser transversal, os dados obtidos permitem apenas inferências de associação entre as variáveis, mas não inferências de causalidade. Além disso, o número de participantes não permitiu algumas comparações, como níveis de desempenho, sexo e faixa etária. Portanto, pesquisas futuras devem realizar estudos longitudinais, que possam realizar diversas medições da motivação e da ansiedade competitiva em diferentes momentos e situações, além de observar variáveis a relação com outras variáveis, como resiliência e bem-estar. Diante disso, estudos futuros deverão procurar construir amostras com maior representatividade do contexto desportiva para pessoas com deficiência, incluir jogadores de diferentes níveis de competição e gênero deverão ser realizados, bem como, com atletas usuários de cadeira de rodas de outras

modalidades esportivas. Apesar das limitações apresentadas, o presente estudo ganha destaque na medida em que alerta para as vantagens e importância do desenvolvimento de investigações que permitam organizar um banco de dados com fatores interferentes na motivação de atletas com deficiência, especialmente esclarecer a relação direta entre ansiedade e seus reflexos nos resultados em competições, assim como técnicas específicas para o trabalho com cada um deles.

Conclusões

A partir dos resultados obtidos, pode-se concluir que a motivação intrínseca é um fator determinantes para o controle da ansiedade competitiva dos atletas de HCR. Ressalta-se que o aumento da motivação intrínseca favorece a redução e o controle dos sintomas da ansiedade durante os treinamentos e competições. Do ponto de vista prática, ressalta-se a importância de treinadores e profissionais do esporte promoverem um ambiente agradável durante os treinamentos e trabalharem para que os atletas com deficiência desenvolvam o prazer pela prática esportiva, uma vez que a motivação intrínseca parece ser um fator interveniente nos sintomas da ansiedade competitiva, os quais interferem diretamente no desempenho individual e coletivo. Além disso, estar atento às características inerentes a cada deficiência dos jogadores, considerando vivências anteriores, patologias associadas e estado emocional podem favorecer e promover intervenções eficazes.

Referências

1. Greguol M. Atividades físicas e esportivas e pessoas com deficiência: relatório nacional de desenvolvimento humano no Brasil. Brasília: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento; 2017 [acesso em 01 Mai 2020]. Disponível em <http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Fi%CC%81sicas-e-Esportivas-e-Pessoas-com-deficiencias.pdf>
2. Itani DE, Araújo PF, Almeida JJG. Esporte adaptado construído a partir das possibilidades: handebol adaptado. *Lect educ fis deportes* 2004[acesso em 20 Jun 2018];72(1). Disponível: <https://www.efdeportes.com/efd72/handebol.htm#:~:text=Esporte%20adaptado%20construido%20a%20partir%20das%20possibilidades%3A%20handebol%20adaptado&text=Um%20grupo%20de%20pessoas%20com,atividade%20f%C3%ADsica%20regularmente%20desde%201988>.
3. Oliveira ACS, Munster MAV. Análise da evolução de habilidades motoras relacionadas aos fundamentos do Handebol em Cadeiras de Rodas. *R Bras Cien Mov* 2013;21(1):139-50. Doi: <http://dx.doi.org/10.18511/0103-1716/rbcm.v21n1p139-150>
4. Becerra MAG, Manzini MG, Martinez CMS. Percepção de atletas do rugby em cadeira de rodas sobre os apoios recebidos para a prática do esporte adaptado. *Cad Bras Ter Ocup* 2019;27(3):615-27. Doi: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1662>
5. ABRHACAR [internet] Associação Brasileira de Handebol em Cadeira de Rodas. 2015[acesso em 07 Jun 2017] Disponível em: <http://www.abrhacar.com.br/#!apbs/c5um>.
6. Torralba MA, Braz M, Rubio MJ. La motivación en el deporte adaptado. *Psychol Soc Educ* 2014;6(1):27-40. Doi: <http://dx.doi.org/10.25115/psye.v6i1.506>
7. Torralba MA, Vieira MB, Rubio MJ. Motivos de la práctica deportiva de atletas paralímpicos españoles. *Revista De Psicología Del Deporte* 2017[acesso em 10 Ago 2018];26(1):49-60. Disponível em: https://revistes.uab.cat/rpd/article/viewFile/v26-n1-torralba-vieira-rubio/Torralba_Vieira_Rubio
8. Doré I, O'Loughlin JL, Beauchamp G, Martineau M, Fournier L. Volume and social context of physical activity in association with mental health, anxiety and depression among youth. *Prev med* 2016;(91):344-50. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2016.09.006>
9. Baćanac L, Milićević-Marinković B, Kasum G, Marinković M. Competitive anxiety, self-confidence and psychological skills in top athletes with and without disabilities: a pilot study. *FU Phys Ed Sport* 2014[acesso em 15 Mar 2019];12(2):59-70. Disponível em: <http://casopisi.junis.ni.ac.rs/index.php/FUPhysEdSport/article/view/398>
10. Albuquerque MR, Lopes MC, Paula JJ, Faria LO, Pereira ET, Costa VT. Cross-Cultural Adaptation and Validation of the MPAM-R to Brazilian Portuguese and Proposal of a New Method to Calculate Factor Scores. *Front Psychol* 2017;8:261. Doi: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00261>.

11. Almagro BJ, Paramio-Pérez G. Motivación y adherencia a la práctica de baloncesto en adolescentes. *Cuad de Psicol del Deporte* 2017[acesso em 02 Mar 2019];17(3):189-198. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1578-84232017000300021&lng=pt&nrm=iso
12. Weinberg RS, Gould D. Fundamentos da Psicologia do esporte e do exercício. Porto Alegre: Artmed; 2017.
13. Guimarães S, Bzuneck J. A Propriedades psicométricas de um instrumento para avaliação da motivação de universitários. *Cien Cogn* 2008[acesso 01 Mar 2019];13(1):101-13. Disponível em: <http://cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/682>
14. Parnabas V, Parnabas J, Parnabas AM. The Influence of cognitive anxiety on sport performance among taekwondo athletes. *IJIP* 2015[acesso em 10 Mar 2019];2. Disponível em: <http://oaji.net/articles/2015/1170-1424804759.pdf>
15. Fortes LS, Fiorese L, Nascimento-Júnior JRA, Almeida SS, Ferreira MEC. Efeito da ansiedade competitiva sobre a tomada de decisão em jovens atletas de voleibol. *Psic Teor e Pesq* 2019;35:e3538. Doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3538>
16. Judge LW, Urbina LJ, Hoover DL, Craig BW, Judge LM, Leitzelar BM, et al. The impact of competitive trait anxiety on collegiate powerlifting performance. *J Strength Cond Res* 2016;30(9):2399-405. Doi: <https://doi.org/10.1519/jsc.0000000000001363>
17. Silva A, Queiroz SS, Winckler C, Vital R, Souza RA, Fagundes V, et al. Sleep quality evaluation, chronotype, sleepiness and anxiety of Paralympic Brazilian athletes: Beijing 2008 Paralympic Games. *Br J Sports Med* 2012;46(2):150-54. Doi: <https://dx.doi.org/10.1136/bjism.2010.077016>
18. Ferreira JPL, Chatzisaizantis N, Gaspar P, Campos MJ. Precompetitive anxiety and self-confidence in athletes with disability. *Percept Mot Skills* 2007;105(1):339-46. Doi: <https://dx.doi.org/10.2466/pms.105.1.339-346>
19. Calheiros DS, Neto JLC, Melo FAP, Muster MA. Perfil sociodemográfico de praticantes de Handebol em cadeira de rodas. *Rev Bras Ciênc Esporte* 2018;42:e2004. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.07.004>
20. Pietro T. Fatores estressantes e motivacionais na prática do esporte entre atletas com deficiência física. *Lect educ fis deportes* 2009[acesso em 20 Jun 2018];14(135):1-6. Disponível em: [https://www.efdeportes.com/efd135/fatores-motivacionais-entre-atletas-com-deficiencia-fisica.htm#:~:text=A%20maior%20parte%20dos%20atletas,de%20vencer%20e%20conflitos%20interpessoais.&text=Para%20Weinberg%20e%20Gould%20\(2008,desenvolvimento%20por%20meio%20da%20participa%C3%A7%C3%A3o.](https://www.efdeportes.com/efd135/fatores-motivacionais-entre-atletas-com-deficiencia-fisica.htm#:~:text=A%20maior%20parte%20dos%20atletas,de%20vencer%20e%20conflitos%20interpessoais.&text=Para%20Weinberg%20e%20Gould%20(2008,desenvolvimento%20por%20meio%20da%20participa%C3%A7%C3%A3o.)
21. Machado TA, Paes MJ, Alquiére SM, Osiecki, ACV, Lirani LS, Stefanello, JMF. Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis. *Rev bras educ fis esporte* 2016;30(4):1061-67. Doi: <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000401061>
22. McAuley E, Duncan T, Tammien V. Psychometric Properties of Intrinsic Motivation Inventory in a Competitive Sport Setting: A Confirmatory Factor Analysis. *Res Q Exerc Sport* 1989;60(1):48-58. Doi: <https://doi.org/10.1080/02701367.1989.10607413>
23. Fonseca AM, Brito APB. Propriedades psicométricas da versão portuguesa do Intrinsic Motivation Inventory (IMI) em contextos de atividade física e desportiva. *Aná Psicológica* 2001[acesso em 12 Feb 2016];19(1):59-76. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0870-82312001000100007&lng=en&nrm=i
24. Dias C, Cruz JF, Fonseca A. Anxiety and coping strategies in sport contexts: A look at the psychometric properties of Portuguese instruments for their assessment. *Span J Psycho* 2009;12(1):338-48. Doi: <https://doi.org/10.1017/s1138741600001736>
25. Cruz JF, Viana MF. Escala de ansiedade no desporto: Características e validade da adaptação portuguesa. In Cruz JF, Gomes AR, organizadores. *Psicologia aplicada ao desporto e à actividade física: Teoria, Investigação e Intervenção*. Braga: University of Minho and Portuguese Psychologists Association; 1997, p. 349-65.
26. Knofczynski GT, Mundfrom D. Sample sizes when using multiple linear regression for prediction. *Educ Psychol Meas* 2008;68(3):431-42. Doi: <https://doi.org/10.1177/0013164407310131>
27. Faul F, Erdfelder E, Lang A, Buchner A. G*Power 3: A flexible statistical power analysis program for the social, behavioral, and biomedical sciences. *Behav Res Methods* 2007;39:175-91. Doi: <https://doi.org/10.3758/BF03193146>
28. Molanorouzi K, Khoo S, Morris T. Motives for adult participation in physical activity: type of activity, age, and gender. *BMC PublicHealth* 2015;15(66). Doi: <https://doi.org/10.1186/s12889-015-1429-7>
29. Faria LO, Ribeiro TL, Souza TF, Rennó GVC, Albuquerque MR. Motivos para a prática de atividade física de esportes orientados à habilidade: um exemplo do taekwondo. *Rev Bras Ciênc Esporte* 2019;41(2):198-205. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.10.004>
30. Kämpfe A, Höner O, Willimczik K. Multiplicity and development of achievement motivation: a comparative study between german elite athletes with and without a disability. *Eur J Adapt Phys Act* 2014;7(1):32-4. Doi: <https://doi.org/10.5507/euj.2014.003>

31. Fernandes MG, Nunes SAN, Raposo JV, Fernandes HM. Efeitos da experiência nas dimensões de intensidade, direção e frequência da ansiedade e autoconfiança competitiva: Um estudo em atletas de desportos individuais e coletivos. *Motricidade* 2014;10(2):81-9. Doi: [http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.10\(2\).2930](http://dx.doi.org/10.6063/motricidade.10(2).2930)
32. Martínez-Moreno, A. Calidad en el deporte de élite. Análisis de fortalezas y debilidades psicológicas en jugadores de balonmano. *Cuad de Psicol del Deporte* 2016;17(1):19-24. Disponível em: https://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1578-84232017000100003
33. Caputo EL, Rombaldi AJ, Silva MC. Sintomas de estresse pré-competitivo em atletas adolescentes de handebol. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte* 2017;39(1):68-72. Doi: <https://dx.doi.org/10.1016/j.rbce.2016.01.006>
34. Jeong I, Park S. Participation motivation and competition anxiety among Korean and non-Korean wheelchair tennis players. *J Exerc Rehabil* 2013;9(6):520-525. Doi: <http://dx.doi.org/10.12965/jer.130072>

Orcid dos autores;

Fábia Freire da Silva: <https://orcid.org/0000-0002-7933-3347>

Carlos Huberlini Roque da Silva Junior: <https://orcid.org/0000-0003-3258-4226>

José Roberto Andrade do Nascimento Junior: <https://orcid.org/0000-0003-3836-6967>

Camila Lopes de Carvalho: <https://orcid.org/0000-0001-8770-6062>

José Irineu Gorla: <https://orcid.org/0000-0003-2099-9643>

Paulo Ferreira de Araújo: <https://orcid.org/0000-0001-7805-578X>

Recebido em 24/07/19.

Revisado em 04/05/20.

Aceito em 06/08/20.

Endereço para correspondência: Fábiana Freire. Av. Santos Dumont, 2171. Bairro: Centro, Toledo, Paraná, Pr, CEP: 85900-010.
Email: fabiafreire@uol.com.br.